

Entre a Cruz e a Foice: A Igreja Ortodoxa e sua relação com o Estado Russo

Afonso Rangel Luz*

Paulo Vitor Souza Luz *

Resumo: Os idos de 1917 marca o preludio do Estado Soviético, e com ele o processo de mudança que afetaria tanta a Rússia como os demais países membros da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Tais mudanças passariam, também pelas questões culturais, e principalmente os aspectos religiosos, já que a Rússia antes da Revolução era considerado um dos países mais religiosos da Europa. Nesse sentido, o presente artigo buscará fazer uma abordagem sucinta de como se deu a relação entre o Estado Soviético, declaradamente ateu, e a Igreja Ortodoxa Russa, que até a queda de Nicolau II era a religião oficial do Império Russo, apesar da existência de outras vertentes religiosas. Para isso buscou-se dialogar com fortes historiográficas que apontam direta ou indiretamente esta questão, além é claro de fontes iconográficas.

Palavras-Chave: Igreja Ortodoxa; Rússia Czarista; Revolução Russa; Comunismo; Ateísmo.

O ano de 1054 ficou consagrado pela historiografia como o ano do primeiro racha no cristianismo, também conhecido como o grande cisma do oriente. É justamente nesse evento que “nasce” a Igreja Ortodoxa tal como uma instituição, pois apesar desta existir enquanto parte das igrejas orientais, possuidora de ritos diferentes da Igreja Católica Romana, não se constituía como uma instituição distinta, mas como uma só Igreja Cristã. É claro que as orações e costumes entre os cristãos ocidentais e os cristãos orientais, tal como o uso do latim nas celebrações para os latinos e do grego para os demais patriarcados, eram distintos, no entanto, havia uma relativa unidade entre ambas correntes cristãs.

* Graduando do 6º semestre em História, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas (Campus V), Santo Antônio de Jesus – Bahia. E-mail: afonso_rangeluz@outlook.com

* Graduando do 4º semestre em História, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas (Campus V), Santo Antônio de Jesus – Bahia. E-mail: paulovitorsluz@hotmail.com

Dessa forma, apesar de existir várias igrejas ao entorno do Mediterrâneo, na Eurásia, no Oriente Médio e na África, ambas mantinham um relativo diálogo com a Igreja Romana, que era responsável pelo cristianismo ocidental. No entanto, isso logo mudaria em meio a tantas divergências, nesse sentido, Mauricio Loiacono aponta algumas das causas da separação entre católicos e ortodoxos, sobre isso argumenta que

[...] fatores ligados a questões culturais, dogmáticas, disciplinares, litúrgicas e políticas, entre as partes oriental e ocidental dessa comunidade até então considerada una, levam, entre 1054 e 1204, à ruptura definitiva entre as duas metades, as quais serão assim reconhecidas até o momento contemporâneo: do lado ocidental, a Igreja Católica Apostólica Romana, submissa ao bispo de Roma, e do lado oriental, a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Grega, tendo como primaz o patriarca de Constantinopla (atual cidade de Istambul – Turquia) [...]¹

Nesse sentido, o cristianismo oriental, que agora não estava mais ligado à Roma, e com sua sede no patriarcado de Constantinopla, intitula-se como ortodoxo, que do grego antigo quer dizer “doutrina reta”, ou seja, a Igreja Ortodoxa passa a partir de então reivindicar a versão correta do cristianismo, que supostamente remontava ao tempo dos apóstolos e dos primeiros cristãos, nesse caso uma tradição autêntica e verdadeira, pois passou-se a considerar que a doutrina de Roma havia abandonado a essência cristã.

No entanto, apesar do Cristianismo Ortodoxo ter como sede o patriarcado de Constantinopla, este possui uma característica que o diferencia do Cristianismo ocidental, nesse caso as igrejas autocéfalas, ou seja, que possuem independência de culto, liturgia e até mesmo teologia, apesar de estarem ligadas entre si. Logo, quando se diz aqui “teologia e Igreja Oriental” faz-se referência a pluralidade de tradições, práticas e conhecimentos teológicos, que de certa forma se diferencia da Igreja Latina, no entanto, explicam e legitimam as igrejas particulares (autocéfalas). Dessa forma, como não existe apenas uma Igreja Ortodoxa, é evidente que também não haverá apenas uma prática de fé.

A formação da Rússia

Antes mesmo de falar da relação entre Igreja Ortodoxa e Estado Russo, é preciso lembrar um pouco da origem deste último. Dessa forma, a história da Rússia está diretamente ligada aos Vikings e seus descendentes, já que estes por volta do século IX, estes fundam as primeiras povoações de tribos eslavas controladas pelo reino da dinastia

¹ LOIACONO, Mauricio. A Igreja Ortodoxa no Brasil. In: REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 118 et. seq., setembro/novembro 2005.

de Rurik. Todavia, por muito tempo, a Rússia não fazia parte do Ocidente, já que não possuía uma cultura greco-romana, tornando a Rússia czarista uma exceção no panorama europeu, no qual a modernidade aconteceu de forma tardia, conforme revela Giuseppe Benedini². Entretanto, em poucas décadas, após o processo de povoação, tais colônias se consolidam e começam a se multiplicar. Conforme defendido por Tragtenberg³ somente com a adoção do cristianismo ortodoxo, recheado de elementos bizantinos, no final do décimo século, e posteriormente com a queda de Constantinopla, em 1453 pelos turcos otomanos, que ocasionou o fim do Império Romano do Oriente, é que o principado moscovita acabou por se tornar o centro da cristandade ortodoxa, em contraponto aos muçulmanos, que não eram cristãos, e aos cristãos latinos, que possuíam divergências teológicas. Nesse sentido, a Rússia, ou melhor dizendo, a Igreja Ortodoxa Russa tornou-se herdeira da cultura bizantina, deixada pelos antigo Império do Oriente, prova disso nota-se em sua arte sacra, a iconografia, na qual possui muitos elementos da arte de Bizâncio, a exemplo dos mosaicos e a grande quantidade de elementos dourados.

Quando Ivan, o terrível, sobe ao trono, em 1547, a ideia de tornar a Rússia a terceira Roma era o cerne da questão, já que a primeira decaiu, e a segunda havia sucumbido ao ataque turco. Tal política fica evidente numa carta dirigida ao grão-duque Basílio III de Moscou pelo Monge Teófilo de Poskov:

“A Igreja da velha Roma caiu por causa de sua heresia, as portas da Segunda Roma foram destruídas pelos turcos e infiéis; mas a Igreja de Moscou, a igreja da Nova Roma brilha mais resplandecente de que o sol em todo o universo: duas Romas caíram, mas a terceira se mantém firme, e não pode haver uma quarta”.⁴

Levando em consideração o trecho do Monge Teófilo de Poskov, pode-se observar o quanto a Rússia passou a imitar os antigos romanos, até mesmo por influência bizantina, no processo de construção e expansão de um império, que seria o sustentáculos dos czares. Como já fora dito, o ano de 1547 é marcado pela ascensão de Ivan, o terrível, ao trono. Este estabelece diversas reformas, que mudariam as estruturas da sociedade russa, tais como o estabelecimento de um reformado código de leis – o *Sudebnik*, de 1550 –,

² BENEDINI, Giuseppe Federico. A Rússia Czarista e as origens da Revolução: um ensaio. In: Cadernos do Tempo Presente, n. 19, mar./abr. 2015, p. 4 et. seq. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/tempo>>

³ TRAGTENBERG, Maurício. Rússia atual: Produto da herança Bizantina e do Espírito Técnico Norte-Americano. In: Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 105, p. 969-977, set./dez. 2008. (p.972-973). Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>

⁴ Idem.

assim como o primeiro órgão representativo feudal russo – o *Zemsky Sobor* – além de adotar a auto-gestão nas regiões rurais, proporcionando assim uma maior autonomia destas. Por conseguinte, um outro czar de destaque foi Pedro, chamado de o Grande, que tornaria a Rússia um gigantesco império. Em 1721, Pedro incorpora a Rússia ao restante da Europa, por meio da criação de uma nova capital, a cidade de São Petersburgo, que depois ficaria reconhecida como símbolo do poder dos czares. As reformas de Pedro, o Grande, foram retomadas por Catarina, a Grande, com o intento de tornar a Rússia um poderoso império, prova disso foi o fato de Catarina derrotar a Polônia e anexar ao território russo a Bielorrússia e a Ucrânia.

É claro que Rússia teve diversos czares, no entanto, o presente artigo não irá se deter a todos, destacando por fim o último czar, Nicolau II, que está diretamente relacionado ao contexto da Revolução de 1917. Este iniciou o seu reinado em 1896, e estendeu-se até as portas da Revolução de Fevereiro – pois diferente do que muitos pensam, não foram os bolcheviques que derrubaram o Czar Nicolau II, mas a vanguarda do que posteriormente se tornaria o governo provisório. No entanto, o governo do último czar ficou extremamente marcado pelos pogroms antissemitas – que eram ataques as comunidades judaicas existentes na Rússia – e pelo Domingo Sangrento – que foi o massacre ocasionado em 1905, em São Petersburgo, no qual manifestantes marcharam até o czar com uma petição solicitando melhores condições de trabalho, porém, estes foram massacrados pela Guarda Imperial.

Em contraponto as atrocidades do Estado Czarista os operários passaram a utilizar o instrumento da greve como uma forma de resistência ao sistema, e como aponta Arlene E. Clemesha as greves na Rússia variavam de 1,5 milhão de pessoas, em 1905, e cerca de 2 milhões em 1917⁵. Não somente os operários, mas os camponeses foram fundamentais na dinâmica do Império Russo, pois ao mesmo tempo que estes representavam às tradições, também eram os que mais almejavam uma mudança radical, já que viviam uma situação extrema de miséria, como aponta Benedini⁶.

Além deste pontos, Nicolau II aprovou em 1914 a entrada da Rússia na Primeira Guerra Mundial – devido a pressão das potências imperialistas que nela investiam uma enorme quantidade de capital, a exemplo da Inglaterra – decisão esta que acabaria sendo

⁵ CLEMESHA, A. E. A Rússia Czarista. História Viva (Edição Especial), v. 18, p. 14-19, 2008.

⁶ BENEDINI, Giuseppe Federico. Op. Cit. p.5.

um dos fatores que levariam futuramente a Revolução. O último dos czares, juntamente com seus familiares foram executados em 1918 pelos revolucionários, posteriormente, estes foram canonizados como neomártires pela Igreja Ortodoxa, e Nicolau recebeu o título de portador da paixão⁷.

A Revolução de 1917

No que diz respeito ao processo revolucionário que se instalaria na Rússia, este foi dividido em dois: a Revolução de Fevereiro e a Revolução de Outubro. A primeira, pode ser percebida como um sintoma da fragilidade do poder czarista, que em decorrência da derrota militar frente ao Japão e posteriormente com a Primeira Guerra passou a ser questionado pelos diversos grupos políticos existentes. Foi justamente na passeata de comemoração do dia das operárias, em 23 de fevereiro de 1917 – 08 de março no calendário ocidental – que ocorreu diversos saques de produtos essenciais nos estabelecimentos de São Petersburgo, e como aponta Osvaldo Coggiola, as mulheres, em especial as operárias da indústria têxtil, exerceram um papel de grande relevância no processo de organização e desenrolar da Revolução⁸.

Em meio a todo esse processo de mobilização social, Nicolau II foi deposto do trono, e nesse momento criou-se uma conjuntura de dualidade de poder por meio de comitês: o primeiro formado pelos deputados da Duma, que tinha por intuito manter estrutura estatal, e por sua vez, o segundo pelo Soviete de Petrogrado, que era formado por alguns grupos como os socialistas moderados, liberais e mencheviques. “Tais grupos defendiam o caráter burguês da revolução, sem questionar o capitalismo, contentando-se com o ‘controle’ do governo pelos soviets”⁹. Além disso, por meio de Alexander Kerenski, o governo provisório tomou algumas decisões que frustram a classe trabalhadora, devido a manutenção da propriedade privada – mais precisamente a não realização da reforma agrária – e a continuidade da Rússia na Primeira Guerra Mundial.

Somente com a Revolução de Outubro haveria uma vitória do proletariado. Esta não tardou em chegar, já que, após a queda do czar os anseios da população pobre, principalmente os camponeses e operários, não foram atendidos. Segundo Coggiola, entre

⁷ Aquele que possui uma morte semelhante a Cristo.

⁸ COGGIOLA, Osvaldo. Fevereiro de 1917. História Viva (Edição Especial), v. 18, p. 32-37, 2008.

⁹ COGGIOLA, Osvaldo. Op. Cit. p.36.

os meses de fevereiro e outubro daquele ano, os bolcheviques começaram a preparar o proletariado para tomar posse do poder, e ao chegar o mês de setembro os operários passaram a reivindicar o fim do governo provisório¹⁰. Nesse sentido, os bolcheviques obtinham a maioria dos soldados, operários e camponeses, antes mesmo do grande evento. Em 17 de outubro, ocorre a Terceira Conferência de Comitês de Fábrica de Toda a Rússia, composto em sua maioria por bolcheviques, tal evento foi preponderante para na história da Revolução, pois mostrou o nível de organização da classe proletária, e em certa medida isso representou o primeiro estágio da ascensão do bolchevismo.

Edward H. Carr, por sua vez ressalta que em setembro “*Lenin, tras algunas vacilaciones, resucitó la consigna ‘Todo el poder para los soviets’, que suponía un desafío directo al Gobierno Provisional.*”¹¹, mostrando assim o intuito de Lenin em transformar a revolução em um evento proletário, em contraponto a revolução de caráter burguês que se estabeleceu com o Governo Provisório. Em 16 de outubro, Kerenski solicita a guarda do Petrogrado a tarefa de se deslocar para o front, no entanto esta opta por seguir as ordens de Trotsky, mostrando assim que o bolchevismo já tinha boa parte do poder, antes mesmo da queda do Governo Provisório.

Em 25 de outubro (7 de novembro no calendário gregoriano) o bolchevismo triunfou, e com ele vieram as reformas no Estado Russo, destacando-se a reforma agrária e educacional. No ano seguinte, os atos legislativos começaram a priorizar questões que eram pautas antes da revolução, como uma política que voltasse seu olhar para a causa dos trabalhadores, por meio de salários dignos, proteção à infância e a maternidade, melhores condições de saúde e moradia¹².

Se o Estado Russo estava passado por diversas transformações, seria inevitável que mais cedo ou mais tarde estas atingiriam a religião, e mais preciso o cristianismo ortodoxo russo, já que este compunha um dos aspectos da própria cultura russo do contexto. Lenin em 1905, já ressaltava que “A religião é uma das formas de opressão espiritual que pesa em toda a parte sobre as massas populares, esmagadas pelo seu perpétuo trabalho para outros, pela miséria e pelo isolamento.”¹³. Nesse sentido, o Estado

¹⁰ Idem. Outubro de 1917. História Viva (Edição Especial), v. 18, p. 38-45, 2008. p. 38 et seq.

¹¹ CARR, Edward Hallett. La revolución rusa: De Lenin a Stalin, 1917-1929. Tradução: Ludolfo Paramio. Editorial Madrid, 1979. p.16 et seq.

¹² COGGIOLA, Osvaldo. Op. Cit. p.44 et. seq.

¹³ Publicado no jornal Novata Jizn nº 28, de 3 de Dezembro de 1905. In: Edições "Avante!" com base nas *Obras Completas* de V. I. Lênine, 5.ª ed. em russo, t.12, p. 142-147. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1905/12/03.htm>>

Russo, que posteriormente também passava a ser conhecido como Estado Soviético e ateu, passou a controlar e perseguir as ações da Igreja Ortodoxa Russa, e demais grupos religiosos.

Com a morte de Lenin em 1924, a política do ateísmo, também conhecida como *gosateizm*, passou a ser propagada, além, é claro, do confisco dos bens da Igreja, que ocorreu em 1918, como uma forma de combater o acúmulo ilegal de riqueza da instituição. O stalinismo se mostrou bastante severo para com as práticas religiosas, fossem elas cristãs ou não. No entanto, como revela Glenn Eldon, muitas vezes as lideranças comunistas usavam o patriarca de Moscou e outras lideranças religiosas como uma peça de propaganda, possibilitando que eles muitas vezes tivesse contato com outras lideranças religiosas estrangeiras, para forjar uma impressão de liberdade religiosa na União Soviética¹⁴.

Nos primeiros cinco anos da União Soviética (1922-26), foram executados vinte e oito bispos ortodoxos russos e mais de 1.200 sacerdotes, e muitos outros foram perseguidos. A maioria dos seminários foi fechada [sic] e a publicação da maioria dos materiais religiosos foi proibida.¹⁵

Nesse sentido, pode-se perceber com a religião não foi bem encarada pelo Estado Soviético. Ainda segundo Eldon, em 1920 diversos templos budistas foram destruídos, na região mais oriental da Rússia, e cinco anos mais tarde, a Liga dos Ateus Militantes¹⁶, que tinha por lema: “*A luta contra a religião é uma luta pelo socialismo*”, organizou uma campanha nacional contra as religiões, principalmente contra a Igreja Ortodoxa.

A partir da criação da Liga dos Militantes Ateus, diversas estratégias para combater a religião foram estabelecidas, dos quais pode-se destacar a criação da revista *Bezboizhnik* (Sem Deus). Esta tinha por objetivo promover o ateísmo e a desvalorização da religião, usando conteúdo satírico e humorístico, como se pode notar na **Imagem 1**, que é capa da revista acima citada, nesse percebe-se uma alusão de que o Dia da Industrialização deveria ser um substituto do Dia da Transfiguração Cristã. Dessa forma busca-se substituir a ideologia religiosa por uma outra, a soviética, para que dessa forma

¹⁴ ELDON, Glenn. A Igreja Ortodoxa Russa. In: Curtis, ed. Rússia: A Country Study. Washington:GPO for The Library of Congress, 1996. Disponível em: <<http://countrystudies.us/russia/38.htm>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

¹⁵ELDON, Glenn. Op. Cit.

¹⁶Organização ateísta e antirreligiosa, composta de trabalhadores e da intelligentsia, que se desenvolveu na Rússia soviética sob a influência das visões políticas ideológicas e culturais do Partido Comunista Soviético, de 1925 a 1947.

nenhuma concepção endógena daquela proposta pelo regime viesse disputar espaço entre às mentes e corações dos indivíduos.



Imagem 1 *

Capa de uma edição nº 15, de 1929 da publicação mensal da revista *Bezbozhnik* (em russo: Безбожник; "Sem Deus").¹⁷

Nesse sentido, pode-se perceber que o Estado Soviético tinha a perseguição religiosa como das pautas principais de seu intento. Prova disso se deu com a destruição de vários templos, a exemplo da Catedral de Cristo Salvador em Moscou, em 1931, para a construção do Palácio dos Soviéticos, que nunca chegou a ser concluído, e conforme salienta Ekaterina V. Haskins tal evento não representou apenas a destruição de um prédio, mas havia uma questão simbólica, que nesse caso seria a vitória da ideologia comunista sobre a religião¹⁸. Outro dado extremamente relevante é apontado por Eldon,

* Ao analisar como maior profundidade a respectiva capa, pode-se notar que os operários colocam Jesus em um carro de mão, o jogando em um buraco ou algo do tipo. Além disso, mais ao fundo, percebe-se que um dos operários está com uma marreta golpeando um sino, como um símbolo do silenciamento da voz ortodoxa, que por séculos ecoou nas cidades e zonas rurais da terceira Roma.

¹⁷ Imagem disponível em: <<http://republicadomundo.blogspot.com.br/2014/06/a-arte-gore-da-propaganda-anti.html>>. Acesso em 26 Nov. 2017.

¹⁸ HASKINS, Ekaterina V. Russia's Postcommunist Past: The Cathedral of Christ the Savior and the Reimagining of National Identity. In: *History and Memory* Vol. 21, No. 1 (Spring/Summer 2009), p.26 et seq. (25-62).

no qual o revela que das aproximadamente 54.000 paróquias existentes antes da Revolução de 1917 restaram apenas 500, em 1940 ¹⁹.



Ano de 1931, foto da destruição da Igreja original de Cristo Salvador em Moscou, Rússia.²⁰

Entre 1939 e 1941, as relações entre Igreja Ortodoxa e Estado Soviético se estreitaram, pois este, devido a invasão alemã, em 1941, buscou o apoio da Igreja para avivar o patriotismo entre os russos, de forma que a partir de 1942, o Estado concedeu aos ortodoxos que estes pudessem voltar a celebrar a mais importante das festas cristãs, a Páscoa. Progressivamente a comunidade ortodoxa voltou a crescer e igrejas voltaram a ser erigidas, demonstrando assim o processo de resistência vivido pelos ortodoxos, mesmo com a constante perseguição. Porém, o governo Krushchev (1953-64), inverteu esse processo de reabertura religiosa e passou a impossibilitar o crescimento das igrejas e demais templos de outras religiões. “Em 1975, o número de igrejas ortodoxas russas em operação foi reduzido para cerca de 7.000.”²¹, e além disso o Estado Soviético muitas vezes infiltrava agentes do Comitê de Segurança do Estado (*Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnosti* – KGB) no clero ortodoxo, como forma de averiguar as ações dos líderes religiosos, sob a suspeita de possíveis conspirações ou denúncias contra o regime por parte dos religiosos.

O Regime Comunista começou a perder forças a partir de 1980, e em contrapartida a Igreja começou a ganhar espaço, principalmente entre os idosos e as crianças, já

¹⁹ ELDON, Glenn. Op. Cit

²⁰ Fonte digital: <http://members.tripod.com/rossiya_david/id21.htm>. Acesso em 25 Nov. 2017.

²¹ ELDON, Glenn. Op. Cit.

que uma geração inteira não havia passado pelo processo de catequização religiosa e lutava contra esta, no entanto os idosos, quando crianças, tiveram acesso as práticas religiosas, e as crianças viam na Igreja algo novo e diferente que despertava sua curiosidade.

Conforme salienta Ralph Della Cava, no ano de 1990, é criada na União Soviética a lei que permitia a liberdade religiosa e o direito de consciência. No ano seguinte, ocorre a queda do bloco soviético, isso proporcionou um aumento do número de fiéis, no entanto, da noite para o dia, cerca de sete mil clérigos foram reintegrados a Igreja²², dessa forma o aumento dos que agora professaram um fé e até mesmo daqueles que iriam conduzir os ritos religiosos foi significativo. De acordo com Glenn Eldon entre 1990 e 1995, mais ou menos 8.000 igrejas ortodoxas russas foram abertas, mostrando assim, que a religião parece ter sido um contra ponto ao Estado Comunista.

Conclusão

Levando em consideração as leituras, paralelo as fontes primárias, como a revista “Sem Deus”, de grande circulação na Rússia durante a ditadura Stalinista, pode-se considerar duas questões: primeiro, que durante a existência da União Soviética, as religiões, fossem elas cristãs ou não, passaram por um longo processo de perseguição e cerceamento de liberdade; e segundo, pode-se notar como consequência a esse processo, a religião, apesar de toda perseguição conseguiu se manter, e tornou-se, principalmente no declínio da União Soviética, um símbolo de resistência ao regime comunista, mas de forma mais efetiva contra ao ateísmo soviético.

²² CAVA, Ralph Della. Religiões transnacionais: A Igreja Católica Romana no Brasil e a Igreja Ortodoxa na Rússia. In: Civitas – Revista de Ciências Sociais v. 3, nº 1, jun. 2003. p. 151 et. seq.

Referência Bibliográfica

BENEDINI, Giuseppe Federico. **A Rússia Czarista e as origens da Revolução: um ensaio**. In: Cadernos do Tempo Presente, n. 19, mar./abr. 2015, p. 4. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/tempo>>

CAVA, Ralph Della. Religiões transnacionais: **A Igreja Católica Romana no Brasil e a Igreja Ortodoxa na Rússia**. In: Civitas – Revista de Ciências Sociais v. 3, nº 1, jun., p.147-167, 2003.

CLEMESHA, A. E. . **A Rússia Czarista**. História Viva (Edição Especial), v. 18, p. 14-19, 2008.

COGGIOLA, Osvaldo. **Fevereiro de 1917**. História Viva (Edição Especial), v. 18, p. 32-37, 2008.

_____. **Outubro de 1917**. História Viva (Edição Especial), v. 18, p. 38-45, 2008.

HASKINS, Ekat Erina V. **Russia's Postcommunist Past: The Cathedral of Christ the Savior and the Reimagining of National Identity**. In: History and Memory Vol. 21, No. 1 (Spring/Summer 2009), p. 25-62.

LOIACONO, Mauricio. **A Igreja Ortodoxa no Brasil**. In: REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 116-131, setembro/novembro 2005.

TRAGTENBERG, Maurício. Rússia atual: **Produto da herança Bizantina e do Espírito Técnico Norte-Americano**. In: Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 105, p. 969-977, set./dez. 2008. (p.972-973). Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>

Fontes Online

Publicado no jornal Novata Jizn nº 28, de 3 de Dezembro de 1905. In: Edições "Avante!" com base nas *Obras Completas* de V. I. Lênine, 5.^a ed. em russo, t.12, p. 142-147. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1905/12/03.htm>>

ELDON, Glenn. A Igreja Ortodoxa Russa. In: Curtis, ed. Rússia: A Country Study. Washington:GPO for The Library of Congress, 1996. Disponível em: <<http://countrystudies.us/russia/38.htm>>. Acesso em: 26 nov. 2017.